

MERCADO DE TRABALHO

NINGUÉM PASSARÁ ILESO

FELIPPE SERIGATI

Doutor em Economia pela Escola de Economia de São Paulo (FGV-EESP), professor e pesquisador do Centro de Agronegócio da FGV (GV Agro) – felippe.serigati@fgv.br

ROBERTA POSSAMAI

Economista pela Universidade de São Paulo (USP) e aluna do Mestrado Profissional em Agronegócio da FGV (MPA Agro) – roberta.possamai@gmail.br

A TUALMENTE, A inflação é um dos principais problemas da economia brasileira. Embora os preços ainda estejam crescendo a taxas bastante elevadas (9,3% acumulados nos últimos doze meses até abril pelo IPCA), há claros sinais de que a inflação esteja desacelerando. Ainda que esta desaceleração seja uma boa notícia, é importante ter claro que o ajuste dos preços está sendo feito essencialmente sobre o mercado de trabalho. Em poucas palavras, para colocar a inflação em patamar mais razoável, a economia brasileira está derrubando os salários. Embora este seja um processo doloroso e cruel, infelizmente não há alternativas.

Pior: os últimos números do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sugerem que ninguém está passando ileso por esse ajuste, nem o mercado de trabalho das atividades agropecuárias.

INFLAÇÃO EM 2015: ELEVAÇÃO GENERALIZADA

Ao longo de 2015, a inflação (medida pelo IPCA) subiu de forma ininterrupta, fechando o ano em 10,7%. Diversos analistas apontaram o realinhamento dos preços monitorados (gasolina, óleo diesel, energia elétrica, correios, plano de saúde individual



SHUTTERSTOCK

etc.) como o grande responsável pela inflação de dois dígitos. Embora, de fato, os preços monitorados tenham aumentado fortemente (18%), eles não foram os únicos responsáveis pela elevada inflação de 2015. Por exemplo, ao excluir os preços monitorados do índice geral do IPCA, tem-se os chamados preços livres, que aumentaram 8,5% no ano passado.

Por trás dessa elevada inflação nos chamados preços livres, merecem destaque:

- o forte choque cambial ao longo de 2015 (desvalorização de 46,7% do real frente ao dólar);
- a elevação dos preços dos alimentos (12%); e
- a persistente inflação do setor de serviços (8,1%).

para a alta de 2015 têm registrado, no mínimo, desaceleração:

- Como boa parte do alinhamento dos preços monitorados foi feita em 2015, estes preços subiram “apenas” 2,5% neste ano até abril;
- Embora ainda exista uma grande incerteza a respeito de qual será o valor da taxa de câmbio ao final de 2016, até o momento o real já se valorizou mais de 7,5% ao longo deste ano, reduzindo a pressão do dólar sobre a inflação brasileira;
- A inflação de serviços também tem desacelerado: alta de 7,3% nos últimos doze meses contra 8,1% nos doze meses de 2015.

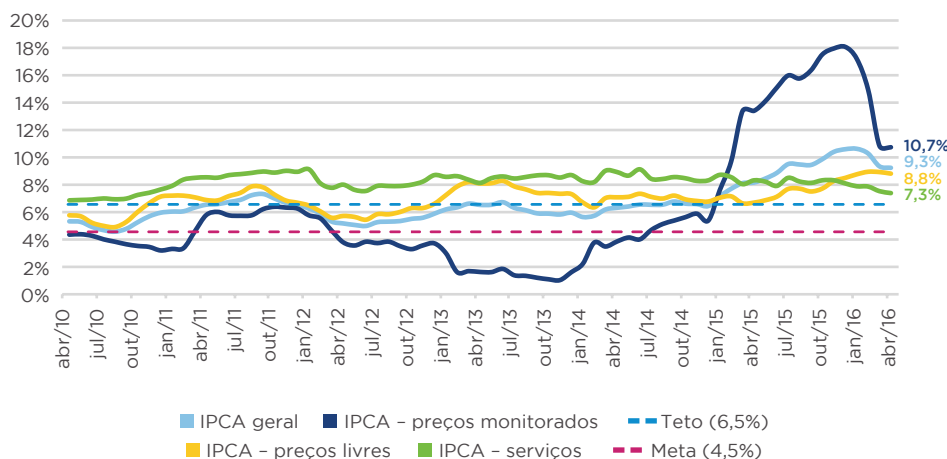
INFLAÇÃO EM 2016: DESACELERANDO DE FORMA QUASE GENERALIZADA

Felizmente, o quadro inflacionário de 2015 tem sido paulatinamente desmontado em 2016. Com exceção da inflação de alimentação e bebidas, que, nos quatro primeiros meses do ano, já acumula alta de 5,8%, os demais preços que contribuíram

REDUZINDO A INFLAÇÃO DO SETOR DE SERVIÇOS

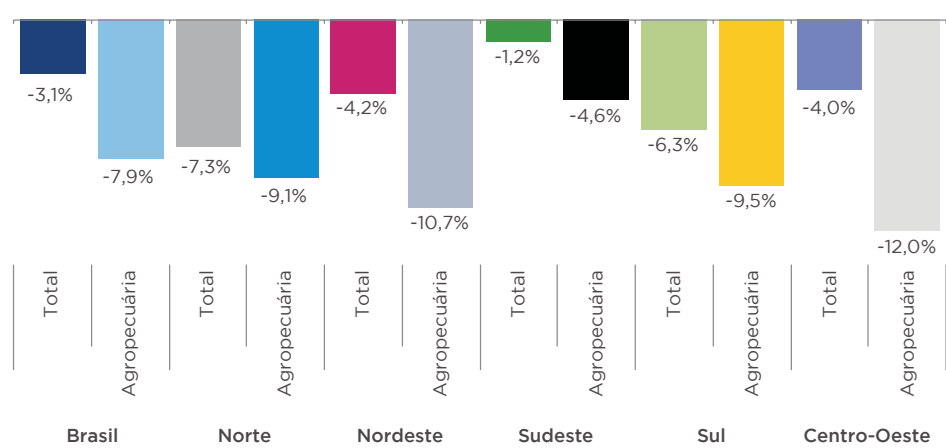
Devido à sua persistência, a desaceleração da inflação de serviços merece especial destaque. Há tempos, os preços deste setor vinham operando bem acima até mesmo do teto da meta (6,5%). Entre janeiro de 2011 e dezembro de 2014, os

INFLAÇÃO BRASILEIRA PELO IPCA: GERAL, PREÇOS MONITORADOS, PREÇOS LIVRES E SERVIÇOS (% A.A.)



Fonte: IBGE; Banco Central

RENDIMENTO MÉDIO REAL: VARIAÇÃO ENTRE OS
1º TRIMESTRE DE 2015 E 1º TRIMESTRE DE 2016



Fonte: IBGE

preços do setor de serviços cresceram, em média, 8,5% a.a.

Controlar uma inflação no setor de serviços é um processo doloroso e cruel, pois implica, essencialmente, derrubar salários. Em geral, mão de obra é o principal insumo de produção deste setor. Logo, para conter a inflação no setor de serviços, é necessário conter a alta do custo (salários) do seu principal fator de produção (mão de obra). Como, em termos nominais, o espaço para redução de salários é bastante limitado, há apenas dois instrumentos para recolocar o custo de mão de obra em uma trajetória de equilíbrio, sendo o primeiro deles:

- a própria inflação, que vai paulatinamente corroendo o poder de compra dos salários, recolocando-os em uma trajetória de equilíbrio de longo prazo; e,
- como esse processo é lento, em geral entra em ação o outro instrumento: o desemprego, que derruba salários por meio de uma menor demanda por mão de obra.

Por mais que seja doloroso e cruel, é justamente isso que tem acontecido na economia brasileira, por meio de uma forte recessão. E o pior é que esse

processo é inevitável. Logo, quanto mais rápido a economia fizer esse ajuste, menor será o custo social desse processo sobre a população.

O AJUSTE DA INFLAÇÃO É SOBRE O MERCADO DE TRABALHO

Na última década, os salários subiram fortemente. De acordo com os números da Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE, entre dezembro de 2004 e dezembro de 2014 o rendimento médio real mensal da população ocupada nas principais regiões metropolitanas do Brasil aumentou de R\$ 1.755,00 para R\$ 2.434,00 – um crescimento de 38,7% acima da inflação. Como a produtividade não expandiu na mesma intensidade, a mão de obra ficou cada vez mais cara. Embora esse processo tenha permitido a incorporação de uma fração cada vez maior da população ao mercado de consumo – processo que ficou conhecido como a emergência da nova classe média –, por não ser acompanhado por uma expansão da produtividade, ele era insustentável.

Parte importante do que está acontecendo atualmente no mercado de trabalho é uma correção desse excesso. De acordo com os números da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua, também do IBGE, a taxa de

desemprego saltou de 6,5%, no último trimestre de 2014, para 10,9%, no primeiro trimestre de 2016. Isso adicionou 4,6 milhões de trabalhadores ao total de pessoas desempregadas (11,1 milhões) e derrubou os rendimentos médios em 2,3% no período. A queda dos salários tem contribuído para segurar a inflação ao, de um lado, reduzir o custo da mão de obra e ao, de outro, contrair a demanda no mercado interno. Por mais que seja doloroso e cruel, esse ajuste é necessário.

NINGUÉM PASSARÁ ILESO POR ESSE AJUSTE

Desde 2013, os números da PNAD Contínua, do IBGE, vinham sugerindo que o mercado de trabalho nas atividades agropecuárias apresentava um comportamento distinto da média nacional. Enquanto o rendimento médio nas atividades agropecuárias crescia em uma intensidade maior do que no restante da economia, sua população ocupada contraía mais fortemente.

Entretanto, os últimos números divulgados pelo IBGE sugerem que o ajuste sobre o mercado de

trabalho também chegou às atividades agropecuárias. Enquanto a população ocupada passou a encolher em linha com o restante da economia, o rendimento médio, desde o segundo trimestre de 2015, passou a encolher em uma intensidade ainda maior. Infelizmente, esta contração tem sido praticamente generalizada para todas as regiões brasileiras, com especial destaque para a região Centro-Oeste.

Por fim, ainda não estão claros os motivos que impulsionaram a deterioração no mercado de trabalho das atividades agropecuárias, pois o setor conta com uma perspectiva de crescimento entre 1,5% e 2,0% neste ano. Fatores como maior dificuldade de acesso ao crédito, forte endividamento de algumas cadeias e fatores climáticos adversos podem explicar essa dinâmica. Porém, mesmo que ainda não se saiba o que explica a deterioração no mercado de trabalho do setor, está claro que nem as atividades agropecuárias passarão ilesas pelo ajuste na economia. ■

